



BUYTENDIJK E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPERIÊNCIA INFANTIL

Buytendijk and Autism Spectrum Disorder: a phenomenological look at
the children's experience

LITIARA KOHL DORS*

Buytendijk y el Transtorno del Espectro Autista: una mirada fenome-
nológica a la experiencia de los niños

Resumo: O artigo aborda questões relevantes para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao mesmo tempo em que apresenta elementos teórico-clínicos do médico e psicólogo holandês F. J. J. Buytendijk. O desenvolvimento de estudos relacionados à Biologia e à Fisiologia por parte do autor, permite uma interlocução com as pesquisas atuais no campo das Neurociências. A reflexão que ora se apresenta, contudo, é de teor mais fenomenológico e busca descrever a experiência da criança com TEA, mostrando que o corpo é portador de uma dimensão espiritual ou ontológica, que não deve ser negligenciada. Em *A Fenomenologia do Encontro*, Buytendijk, ilustra a importância da vivência intersubjetiva não apenas para a criança autista, mas para todo e qualquer ser humano. No caso do indivíduo com TEA, no entanto, a vivência de um encontro autêntico com outrem pode funcionar como um elemento terapêutico no sentido de propiciar a liberdade e o despertar da própria existência.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Buytendijk; Fenomenologia; Criança.

Abstract: The article addresses issues relevant to the understanding of Autism Spectrum Disorder (ASD) while presenting theoretical-clinical elements of the Dutch physician and psychologist F. J. J. Buytendijk. The development of studies related to Biology and Physiology by the author, allows for an interlocution with current research in the field of Neurosciences. However, the reflection presented here is more phenomenological and seeks to describe the child's experience with ASD, showing that the body has a spiritual or ontological dimension, that should not be neglected. In the *Phenomenology of the Encounter*, Buytendijk, illustrates the importance of intersubjective experience not only for the autistic child, but for each and every human being. However, in the case of individuals with ASD, the experience of an authentic encounter with others can function as a therapeutic element in the sense of providing freedom and awakening their own existence.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Buytendijk; Phenomenology; Child.

Resumen: El artículo aborda cuestiones relevantes para la comprensión del transtorno del espectro autista (TEA) al tiempo que presenta elementos teórico-clínicos del médico y psicólogo holandés F. J. J. Buytendijk. El desarrollo de estudios relacionados con Biología y Fisiología por parte del autor, permite un diálogo con la investigación actual en el campo de la Neurociencia. Sin embargo, la reflexión presentada aquí es más fenomenológica y busca describir la experiencia del niño con TEA, mostrando que el cuerpo tiene una dimensión espiritual u ontológica, que no debe descuidarse. En la *Fenomenología del Encuentro*, Buytendijk, ilustra la importancia de la experiencia intersubjetiva no solo para el niño autista, sino para todos y cada uno de los seres humanos. Sin embargo, en el caso del individuo con TEA, la experiencia de un encuentro autêntico con los demás puede funcionar como un elemento terapêutico en el sentido de proporcionar libertad y el despertar de la propia existencia.

Palabras-clave: Transtorno del espectro autista; Buytendijk; Fenomenología; Niño.

* Doutora em Filosofia pela Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Psicóloga pela Universidade Paranaense (UNIPAR). Email: litiara@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-2339-5186



Quando a luz dos olhos meus
E a luz dos olhos teus
Resolvem se encontrar
Ai, que bom que isso é, meu Deus
Que frio que me dá
O encontro desse olhar...
(Tom Jobim / Vinicius de Moraes)

Introdução

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas, especialmente no campo das neurociências, com o intuito de melhor compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Cada vez mais esses estudos têm demonstrado que o TEA parece estar relacionado às más formações cerebrais como também às condições genéticas dos portadores do transtorno, destacando, portanto, as bases orgânicas de seu aparecimento. A nova denominação, proposta pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)* (APA, 2014) em 2013, que passou de Autismo para Transtorno do Espectro Autista, já acentua o carácter espectral, dimensional e, portanto, multifatorial do TEA.

A par das pesquisas recentes e sem desconsiderar sua capital importância para a compreensão do fenómeno, este trabalho se propõe a uma contribuição de cariz fenomenológico, retratando que campos diversos do saber como, não apenas a Fenomenologia, mas a Filosofia de modo geral e a própria Psicanálise, se mantêm atuais e ocupam ainda um importante espaço no que se refere à compreensão dos modos da existência humana. Antes de uma apresentação exaustiva das possíveis causas e características do TEA, a presente exposição tem por objetivo descrever alguns elementos da experiência autista, mostrando que a intersubjetividade é o coração da existência. Quer dizer, o encontro autêntico é o veículo primordial, condutor da manifestação mais propriamente humana – ou espiritual – do organismo.

Essa reflexão se dará à luz do pensamento de F. J. J. Buytendijk, médico e psicólogo holandês ainda pouco conhecido no cenário brasileiro, mas a quem vale a pena a instigante descoberta, já que seus trabalhos, apresentados sob uma perspectiva fenomenológica, revelam-se em sua originalidade e atualidade. Deste modo, o percurso que será aqui projetado se inicia por um esboço do panorama atual das pesquisas que vêm sendo conduzidas acerca do TEA no âmbito das neurociências. Na sequência, chama a atenção o fato de que Buytendijk, já em 1931, apresenta, em uma conferência na Sorbonne, uma interessante exposição, na qual explora uma espécie de dimensão ontológica do cérebro.

A partir daí, uma pequena amostra da obra do autor é apresentada, não perdendo, pois, de vista o intento de embasar uma descrição da experiência da criança autista. Nisso, *A Fenomenologia do Encontro*, importante trabalho de Buytendijk, ganha destaque, já que é a experiência intersubjetiva que conduz à expressão mais originariamente humana entre o espírito e o corpo.

O Transtorno do Espectro Autista: esboço do panorama atual

Atualmente, o DSM-5 (APA, 2014, p. 44) descreve o TEA, como um transtorno do neurodesenvolvimento que tem início na primeira infância, podendo ser detectado, em casos mais graves, logo no primeiro ano de vida. Os sintomas “representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave, nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos”. O termo *espectro* passou a ser utilizado em decorrência das muitas variações da manifestação do transtorno, conforme a gravidade da condição do autista, seu nível de desenvolvimento e idade cronológica. Visto que não é um transtorno neurodegenerativo, seu portador pode apresentar redução da intensidade do quadro no início da vida, especialmente se for submetido à intervenção e estimulação ambiental precoce.

Uma das principais características do TEA é o prejuízo persistente na comunicação e interação social em múltiplos contextos, além dos padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades. Quer dizer, esses indivíduos, desde muito cedo, apresentam diminuída responsividade, iniciativa e interesse em colocar-se em relação com as pessoas. Tais portadores preferem, na maioria das vezes, interagir com objetos do que com humanos; além disso, apresentam pouca habilidade de abstração, de experiência lúdica, de compreensão de metáforas e, conseqüentemente, de linguagem.

Estudos recentes na área das neurociências sugerem os prejuízos na formação cerebral como uma das causas possíveis do TEA. Alguns autores apresentam a descrição de uma rede social do cérebro que estaria comprometida no autista. Essa rede social cerebral comporta a inter-relação entre várias áreas ligadas às habilidades de interação social. De acordo com Rogers e Dawson (2014, p. 5):



A rede social do cérebro envolve uma série de estruturas que demonstraram, através de estudos em animais e humanos, estar ativamente envolvidas no processamento de informação social, emocional e comportamental. A ativação cerebral ocorre nestas áreas como resposta a estímulos sociais; lesões nestas áreas resultam em alterações nos comportamentos sociais. Regiões chave da rede social do cérebro incluem partes do lobo temporal [...], a amígdala e partes do córtex pré-frontal.

Considerando-se o grande número de pesquisas, verifica-se cada vez mais a necessidade de desenvolver estratégias de intervenção, com o intuito de diminuir a intensidade em todas as áreas do desenvolvimento, dos prejuízos causados pelo TEA. Estudos no campo da epigenética¹ apresentam, também, possíveis explicações para o transtorno. Eshragui, et al. (2018, p. 1) chama a atenção para a concordância entre autores, de que o espectro autista compreende “uma variedade de distúrbios de desenvolvimento, causados por uma combinação de fatores genéticos e ambientais”. Ainda para Eshragui et al. (2018, p. 1), há uma possibilidade de que “a condição multigênica do TEA seja dependente dos efeitos epigenéticos, embora esses fatores exatos permaneçam incertos”. Vale lembrar que o estudo da epigenética se relaciona à interação entre os genes e o ambiente². Para Costa, Malloy-Diniz e Miranda (2018, p. 13):

O conceito de epigenética se soma ao entendimento de que uma pequena porção do DNA codifica estruturas (proteínas, enzimas, etc.), enquanto a maior parte do DNA codificaria processos regulatórios. Assim, em resposta a estímulos externos/do ambiente, os genes são “ativados” ou “desativados” à medida que o organismo vai passando pela vida. A epigenética é um dos fenômenos que nos ajuda a entender como um mesmo genótipo pode potencialmente se expressar nos mais diversos fenótipos.

Devido à alta capacidade de plasticidade cerebral – especialmente durante a primeira infância – e aos fatores epigenéticos, a estimulação precoce desenvolvida de acordo com o modelo naturalístico, ou seja, no meio ambiente em que a criança está inserida, pela família, escola, terapeutas, etc., tem se revelado uma forte aliada na diminuição da intensidade dos sintomas (Rogers & Dawson, 2014).

Em que pese as diversas possibilidades de tratamentos disponíveis na atualidade, o que gostaríamos de colocar aqui em destaque, é a nossa percepção de que mesmo as terapias que têm suas raízes no modelo behaviorista de intervenção, não deixam de enfatizar a real importância da afetividade como base para que o processo terapêutico possa finalmente fluir.

Buytendijk: O Cérebro

Após essa breve introdução acerca do TEA e sobre alguns direcionamentos de pesquisas atuais, pretendemos agora adentrar, pouco a pouco, no pensamento de F. J. J. Buytendijk. Em março de 1931, o psicólogo holandês apresenta, na Sorbonne, sua conferência intitulada *Le cerveau et l'intelligence* que, como o próprio título já sugere, se destina a tecer as relações entre o cérebro e a inteligência, um problema que aos olhos de Buytendijk (1931, p. 345), não trata apenas do interesse da fisiologia ou da psicologia, mas é também um “problema de uma importância capital para as questões filosóficas e culturais”. É bem verdade que o autor, além de um exímio pensador no âmbito da filosofia, e, sobretudo, da fenomenologia, não deixou de realizar importantes trabalhos na área da biologia e da fisiologia.

Em linhas gerais, um dos intuitos de Buytendijk (1931, p. 345-346) na conferência de 1931 se resume em mostrar que, apesar da grande profusão do método experimental, o fato de naquele momento a fisiologia ter permanecido “intimamente ligada às ciências médicas práticas [...] assegura que o fisiologista ainda considera a vida humana em sua unidade de espírito e de corpo”. Pois bem: é sobre essa ideia fundamental, de unidade entre o corpo e o espírito, que gostaríamos de dirigir o nosso olhar, convidando o leitor a uma reflexão de cunho fenomenológico no que diz respeito à criança autista. Neste sentido, acreditamos que o autor holandês tem muito a contribuir na orientação deste movimento reflexivo.

Na apresentação de *Le cerveau et l'intelligence*, o autor não deixa de manifestar seu descontentamento acerca das afirmações de Pavlov sobre a noção de reflexo, já que, para o fisiologista russo, o comportamento reflexo seria o ponto de partida para a explicação das ações, tanto dos homens, como dos outros animais. Assim, a complexa atividade nervosa presente no homem seria o produto da associação dos reflexos. Aos olhos

¹ O termo epigenética “refere-se às alterações hereditárias na expressão gênica sem alterar as condições subjacentes à sequência de DNA” (Schiele e Domschke, citado por Eshragui, et. al, 2018, p. 1). Embora seja necessário um aprofundamento dos estudos acerca do papel da epigenética no TEA, o artigo apresentado por Eshragui et. al. (2018) coloca em destaque os avanços recentes na compreensão dos fatores epigenéticos e a possibilidade de que estes fatores desempenhem um papel determinado na predisposição ao autismo.

² Cabe aqui fazermos menção ao filósofo francês M. Merleau-Ponty, um dos importantes interlocutores de Buytendijk, como veremos no decorrer deste trabalho. Em seu último escrito, *Le visible et l'invisible*, que permaneceu inacabado, o filósofo afirma que “o corpo nos une diretamente às coisas por sua própria ontogênese, soldando um a outro os dois esboços do que é feito [objeto e sujeito], seus dois lábios: a massa sensível que ele é, e a massa do sensível de onde nasce por segregação, e à qual, como vidente, permanece aberto” (Merleau-Ponty, 1964, p. 179). Tudo se passa, então, como se o corpo, mediante a experiência que constitui com o mundo, formasse com este uma espécie de configuração, uma potência de transformação tanto de si mesmo como do próprio mundo, já que há uma zona de comunhão, de co-habitação, ou osmose de ambos; há, por assim dizer, uma espécie de calibração entre o corpo perceptivo e o mundo percebido. Apresentamos aqui essa pequena amostra do pensamento de Merleau-Ponty a fim de suscitar uma também pequena provocação: É possível um diálogo entre a fenomenologia merleau-pontyana e as teorias epigenéticas?



de Buytendijk (1931, p. 348), a consequência dessa afirmação foi a de ter propagado, entre os fisiologistas, uma espécie de paralelismo em que “os fenômenos psíquicos são apenas processos que acompanham as funções corporais”.

Na contramão dessa afirmação um tanto mecanicista, Buytendijk (1931) procura mostrar que o sistema nervoso constitui uma estrutura de complexidade muito mais abrangente, uma vez que ele é investido de “funções inconscientes corporais”. O cérebro é “a fonte de energia, que cria e mantém relações no espaço e no tempo entre o organismo e o meio, unidade de uma configuração detalhada e íntima”. Assim, ele é dotado de plasticidade e de possibilidades de aperfeiçoamento. A inteligência, embora esteja conectada ao cérebro, não é uma condição unicamente cerebral, já que o corpo dos vertebrados é permeado por uma “inteligência sensório-motora” que o permite interagir assertivamente com o ambiente, sem que essa inteligência esteja necessariamente condicionada à razão. Deste modo, Buytendijk (1931, p. 371) surpreendentemente conclui:

O homem é um animal desperto, um animal que esfrega os olhos e que olha surpreendido para o seu meio, porque ele se encontra cara-a-cara com um “mundo”, objeto de sua atividade, de sua língua, de seus pensamentos, de sua cultura. Mas sua inteligência, princípio de organização do mundo, permanece misteriosamente ligada ao seu cérebro, atributo corporal de seu espírito.

Ora, o cérebro é, então, um “atributo corporal do espírito”. Quer dizer; há uma espécie de “ligação misteriosa” que assegura que o cérebro e o espírito desfrutem, como parceiros de dança, da melodia da vida. Este belo parágrafo com o qual Buytendijk finaliza a sua conferência na Sorbonne, nos permite agora avançar as nossas reflexões no campo da fenomenologia, sem deixar de prestar às neurociências e às importantes descobertas que vêm sendo realizadas, sua devida e justa consideração.

O Corpo e o Espírito

Afinal, porém, o que Buytendijk compreende por “espírito”? No intuito de levar a cabo esse esclarecimento, convém apresentarmos o ensaio publicado em 1960 intitulado, em sua versão francesa, *La genèse psychologique de l'esprit maternel*. Trata-se de lançar luz a duas importantes questões caras à psicologia e à fenomenologia: em primeiro lugar, a descrição de uma espécie de “gênese psicológica” e, posteriormente, verificar como essa gênese estaria relacionada ao surgimento de um “espírito materno”. Gostaríamos de advertir o leitor de que, por ora, pretendemos orientar essa discussão para a “gênese psicológica do espírito” em geral, e que embora a alusão a um “espírito materno” possa remeter a uma reflexão acerca do vínculo entre a mãe e a criança autista, não é este o contexto que entra neste momento em pauta. No entanto, essa abordagem não deixará de ser tematizada na sequência.

A referência a uma gênese psicológica traz à baila uma série de dificuldades, já que as diversas correntes da psicologia, cada qual a seu modo, mantêm, em seu bojo, certo matiz cartesiano, marcado pela identificação das contingências³. Some-se a isso, o fato de que a gênese psicológica nos remete ainda ao fenômeno do desenvolvimento orgânico, delineado por etapas e passível de ser cientificamente formulado.

O que Buytendijk (1960/2017, p. 111), pois, pretende descrever sob a insígnia de “gênese psicológica” deve considerar uma dimensão outra, quer dizer; uma dimensão fenomenológica, na qual se busca compreender:

Como o desdobramento, a diferenciação das relações intencionais de um sujeito e do mundo atravessa uma historicidade, na qual o acaso ocupa um lugar, mas também uma iniciativa, uma espontaneidade e, no ser humano, uma *liberdade*, que permanecem perfeitamente inexplicáveis.

Aos olhos do autor (Buytendijk, 1960/2017, p. 111), esta é a dimensão do espírito, espírito aqui entendido “no sentido de uma atitude pessoal, na qual se manifesta a escolha decisiva e permanente de um valor e, por conseguinte, de uma vocação, exprimindo-se num projeto de mundo e de existência”. O espírito, portanto, é o que se manifesta mediante a “união transcendental do ser humano e de uma realidade na qual cada um de nós se encontra inserido, isto é, engajado de certa maneira”. Assim, a formação do espírito se trata de um verdadeiro mistério para o qual é inadmissível a explicação mediante a noção confusa de gênese.

Essa noção de espírito já se encontra presente no livro publicado em 1952, *Phénoménologie de la Rencontre*, momento em que o autor se dedica à elaboração de uma descrição fenomenológica acerca do encontro. Importa-nos ressaltar que não se trata aqui do encontro solene, puramente formal e marcado pelas convenções sociais. Contrariamente a essa ideia, o intuito é o desvelamento daquilo que o próprio Buytendijk (1952, p. 42; 53) cunhou de “encontro efetivo”, autenticamente “fundado sobre a presença do homem pelo corpo e no corpo”.

³ No entendimento do autor (Buytendijk, 1960/2017, p. 111), mesmo as correntes psicológicas ditas “modernas”, como a Psicanálise e a *Gestaltheorie* não abandonam por completo as relações de contingência, já que “a concepção [...] aceita uma *historicidade* individual [...] onde cada história é caracterizada pela negação de qualquer determinismo absoluto; ela *se* faz segundo uma ordem *provável* e manifesta, portanto, certa regra, certa direção, mas também uma contingência”.



Essa referência ao corpo, é necessário lembrar, remete à filosofia merleau-pontyana. Em uma de suas obras mais densas, *Phénoménologie de la Perception*, Merleau-Ponty dedica um capítulo inteiro à discussão do “corpo como um ser sexuado”. Trata-se, sobretudo, de um diálogo com a teoria psicanalítica que, de acordo com o filósofo, teria tido o mérito de restituir ao corpo o seu verdadeiro estatuto. É que após o cartesianismo ter subjugado o corpo ao espírito (ou à razão), a psicanálise voltou a mostrar que aquele é portador e produtor de sentido, possibilitando assim, vislumbrar uma perspectiva ontológica do corpo.

Para o filósofo francês, diferentemente de Sartre e Husserl – para os quais a consciência configura uma instância pura e translúcida, ou ainda, transcendental – não é possível vislumbrar uma consciência desprovida de seu elemento mais “carnal”⁴, espesso, material e, portanto, corpóreo. Assim, a consciência se expressa como uma espécie de estrutura tecida entre um ser-corpo e o mundo; ela é, antes, compreendida, enfim, como uma consciência engajada, quer dizer, fundada na materialidade do mundo. É por este motivo que, para a fenomenologia merleau-pontyana, a experiência é a verdadeira possibilidade de revelação do ser; a consciência nunca é transparente, mas opaca, lacunar e ambígua. Essa perspectiva não passa despercebida a Buytendijk que, em ocasiões oportunas, recorre ao pensamento de Merleau-Ponty com o intuito de embasar sua própria perspectiva fenomenológica clínica.

Toda a apresentação da fenomenologia do encontro está fundada, então, na ideia de um corpo que é amalgamado à consciência. Assim, todo o gesto – e, mais especialmente, todo gesto dirigido a um “outro” – é carregado de um sentido, e encontra-se como que co-habitado por este “outro”, que é provido da mesma espessura “carnal”. Essa comunhão de todos os homens com / e no mesmo mundo, é o que torna possível uma espécie de compreensão tácita, anterior a qualquer labor da razão, da intenção que se esboça no gesto de um interlocutor.

O que Buytendijk denomina de “encontro autêntico” ou “efetivo” é justamente essa comunhão espiritual permeada no seio da experiência intersubjetiva. Como bem observa Silva (2014, p. 73-74) “está na pauta de sua investigação científica, uma compreensão profundamente ontológica quanto ao modo de aparição do encontro como um evento *sui generis*”. Assim, Buytendijk (1952, p. 9) reconhece no encontro autêntico “uma relação de ser nele-mesmo que une nossa experiência ao homem que encontramos” fazendo despontar “o elemento verdadeiramente humano do encontro”. Em outras palavras, o encontro efetivo faz brotar o mundo fenomenal que “se abre como o *nosso* com uma nova significação imediata”. O que o autor projeta agora, em cena, é o despontar de um “mundo inter-humano”. A percepção adquire, neste contexto, um estatuto *sui generis*, já que a manifestação do ser como experiência encontra-se intimamente fundada na estrutura perceptiva. Assim, o homem se conecta ao mundo através de seu corpo e é, também em seu corpo – antes que em sua racionalidade -, que percebe as intenções no gesto do outro. Para Buytendijk (1952, p. 34):

Outrem é o complemento existente de minha existência, seu acabamento, e esta relação de ser aparece na ambiguidade vivida da existência própria [...]. É assim que a criança descobre a presença de outrem primeiramente no encontro imediato, e, de maneira mediata, nas impressões sensoriais, nos sinais, nos barulhos, nos acontecimentos e em todos os objetos culturais ao seu redor. O mundo próprio é também o mundo do outro.

O movimento ganha, aqui, uma importância capital. É que no início da vida, a criança esboça um “movimento espontâneo” (Buytendijk, 1960/2017, p. 116); isto é, não direcionado ou não intencional, e no encontro de seu corpo com as formas e as texturas dos objetos externos, vai ganhando aos poucos, uma noção de limite que “constitui um esquema fundamental de um mundo e de um modo de existir”. É assim que também outrem passa a receber uma existência e significação próprias no mundo infantil.

A mediação entre o mundo externo e o campo subjetivo da criança é, nos primórdios da existência, fundamentalmente configurada pela percepção e pelos órgãos sensoriais, já que a interpretação racional da realidade ocorrerá bem mais tarde no curso do desenvolvimento. Da mesma forma, a experiência que a criança tem com outrem é marcada pela ambiguidade; ou seja, por uma zona intermediária, intercambiável, onde a subjetividade infantil se confunde com a de outrem. Assim, Buytendijk (1952, p. 35) compreende que:

Pouco a pouco se desenvolve na vida da criança o conhecimento do mundo circundante e do mundo inter-humano, a consciência da coexistência e da existência do ser de outrem e do ser de si-mesmo. É no curso desse desenvolvimento unicamente que os encontros adquirem seu acento no diálogo e são reforçados pelos pensamentos, estados afetivos, sentimentos, valores, intenções.

O corpo adquire, desde o início, no brotamento de seus gestos, expressões e comportamentos, uma forma humana ou *espiritual* e, portanto, como bem salienta o autor (1952, p. 41) “o corpo pelo qual o homem existe no mundo é produzido continuamente pelo homem, na atitude e no movimento animado que constituem o comportamento”.

Ora, essa forma humana é o que vai sendo tramada, desde os primeiros movimentos infantis, que se

⁴ Em *Le visible et l'invisible*, Merleau-Ponty apresenta o que denominou de “carne”, abandonando totalmente a noção de consciência, já que esta pressupõe uma visão dualista entre corpo e espírito – exterior e interior – da qual o autor pretende escapar. A metáfora da carne ilustra essa zona intercambiável, de comunhão, entre o homem e o mundo.



apresentam mais como uma expansividade motora - a princípio fisiológica - mas que no encontro com o movimento e o olhar expressivo de outro humano, geralmente a figura materna, faz brotar uma dimensão espiritual. Tal é o caráter paradoxal expressado pelo primeiro sorriso da criança, já que, como bem salienta Buytendijk (1952, p. 31) “no corpo da criança, no inconsciente fisiológico de sua natureza, se prepara essa ‘excitação moderada’ e essa ‘reação fácil’ que suscita a imagem motora do sorriso”. No entanto, essa imagem “só pode preencher seu sentido, se o processo fisiológico situado no tempo for ultrapassado, no ser intemporal do encontro amoroso que escolhemos”.

Para compreender, então, a “gênese psicológica do espírito materno”, Buytendijk (1960/2017, p. 112) afirma que é necessário aceitar “essa união transcendental do ser humano e de uma realidade na qual cada um de nós se encontra inserido” de modo que “se pode tentar seguir o curso de uma existência que termina na manifestação de tal *espírito*”. Categoricamente, o autor holandês (1960/2017, p. 112) adverte que sua investigação acerca da gênese do espírito materno será marcada por uma “concepção de que ‘o espírito se faz por meio do corpo’ no curso da existência”. É sendo guiados por essa mesma concepção que pretendemos abordar, um pouco mais adiante, nossa reflexão sobre o TEA.

É preciso ter cuidado, contudo, para que essa afirmação não nos leve à interpretação errônea de que a natureza inteira do homem seja uma estrutura totalmente montada, previamente inscrita, apenas mecanicamente no corpo. Tal concepção nos faria, inevitavelmente, recair numa compreensão determinista do homem, o que está muito distante do pensamento buytendijkiano. É que embora o corpo adquira uma importância inegável para a existência concreta, é primordialmente necessário que não seja despedido de sua dimensão ontológica, já que essa é a essência que assegura que sua intencionalidade não seja dissociada de sua *liberdade*. Esse posicionamento ilustra o que já na Conferência de 1931, ao dialogar sobre o cérebro e a inteligência, o autor descreve como o caráter enigmático que envolve a misteriosa conexão entre o cérebro e o espírito.

O corpo, massa concreta – coisa entre as coisas – é o que me abre para a experiência do mundo dos objetos, mas também o que possibilita a manifestação espiritual que está engajada, tecida, ou ainda, estruturada na trama do mundo e de outrem. O espírito é, portanto, animado mediante a experiência concreta do corpo, e a cada gesto ele se apresenta, se atualiza, se mantém ou se transforma; manifesta-se, a cada instante como abertura ao mundo, e assim, também como liberdade.

Para Buytendijk (1960/2017, p. 116), o desvelamento do espírito se dá no encontro de um organismo biológico, anatômico, com um sistema de valores do meio. Assim:

Toda experiência é a manifestação de uma significação que reenvia a uma perspectiva de valores. A gênese do espírito materno tem sua origem nos primeiros encontros de um sujeito que é feminino pelas características pré-existenciais de sua corporeidade. Esses caracteres não são contingentes; eles determinam uma presença no mundo que atravessa a experiência já a partir da primeira juventude, desvelando uma ordem de valores primários. Estes aqui representam a constituição geral de um mundo feminino que se diferencia sob a influência da educação e do meio social.

Ora, essa passagem do texto buytendijkiano revela que embora haja uma concordância do autor com o posicionamento de Sartre e Simone de Beauvoir (1949), no sentido de que não há um instinto materno, há também um distanciamento para com Sartre, já que para este, a liberdade é sempre absoluta (Sartre, 1943). Assim, o psicólogo holandês se situa, mais uma vez, mais próximo à filosofia merleau-pontyana, para a qual a liberdade não é possível sem um certo relativismo. Vejamos o que assevera Merleau-Ponty (1945, p. 517) acerca da experiência da liberdade:

Nascer é ao mesmo tempo nascer do mundo e nascer no mundo. O mundo está já constituído, mas também não está nunca completamente constituído. Sob o primeiro aspecto, somos solicitados, sob o segundo somos abertos a uma infinidade de possíveis. Mas esta análise ainda é abstrata, pois existimos sob os dois aspectos *ao mesmo tempo*. Portanto, nunca há determinismo e nunca há escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca sou consciência nua [...]. A generalidade do “papel” e da situação vem em auxílio da decisão e, nesta troca entre a situação e aquele que a assume, é impossível delimitar a “parte da situação” e a “parte da liberdade”.

A liberdade, portanto, encontra-se tramada no tempo, na história de cada homem, em sua experiência passada e em sua projeção em relação ao futuro. Em função disso, a significação que se sedimentou na vivência histórica de cada ser em particular, não deixa de produzir seu eco na conduta presente e, por este motivo, a liberdade é sempre relativa. Desse modo, no entanto, a conduta humana nunca é totalmente determinada, já que a consciência que é também corpo é, também, abertura ao mundo.

É mediante a experiência intersubjetiva, à relação afetiva tecida com outrem, que um homem pode, enfim, ressignificar a sua experiência passada, manifestando-se sob a perspectiva de uma nova conduta. Buytendijk (1952, p. 33-34), então, compreende, que para Merleau-Ponty, a presença do outro como uma existência real comigo no mundo, só se torna possível porque “em meu corpo eu não sou transparente a mim mesmo, quer dizer que eu não sou claro e sem ambiguidade e que minha subjetividade arrasta atrás dela, seu corpo”.



Assim, quando do encontro autêntico com outrem, tenho possibilidades de identificar em seu corpo, em seus gestos e em sua expressividade, espectros de mim mesmo – de minha própria forma humana. Vejamos, por exemplo, como isso se dá no fenômeno do olhar: os meus olhos, com os quais enxergo, são invisíveis para mim mesmo; no entanto, ao dirigir o meu olhar a um outro, ele também me olha, e o seu olhar dirigido à mim é como que um prolongamento do meu. Neste momento, posso encontrar e (re)significar a mim mesmo pelo olhar de outrem. Tal encontro comigo mesmo, certamente, não se dá sem lacunas, já que ele é investido também de elementos próprios da subjetividade de meu interlocutor. Como dirá Buytendijk (1952, p. 34-35), no caso da criança:

O mundo próprio é também o mundo do outro, e quanto mais essa experiência se torna interior e diferenciada, mais o corpo do outro se torna, em todos os pontos de vista, para a criança “um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo”.

Ao manifestar a sorte de um encontro amoroso, a vivência intersubjetiva possibilita novos significados aos gestos – ao corpo – e, conseqüentemente, motiva o enriquecimento do espírito ao longo de toda uma existência. Estamos agora, no terreno de uma verdadeira fenomenologia do encontro.

A Fenomenologia do Encontro: Um Olhar para a Criança Autista

Retomemos, agora, algumas considerações a respeito do TEA à luz do pensamento buytendijkiano. Como já mostramos no início, parece não haver dúvidas de que o autismo corresponde a um transtorno que acomete o sistema nervoso central e que afeta também o modo de expressão gênica; portanto, seu fundamento biológico não deve ser negligenciado. O que nos interessa, contudo, é que a compreensão biológica não seja destituída de sua dimensão *espiritual*. Seguindo os passos da proposição merleau-pontyana de uma ontologia do corpo, poderemos pensar agora, talvez, numa espécie de ontologia genética; uma reflexão que tem por base, justo a “fenomenologia do encontro”, em sentido buytendijkiano, como pano de fundo.

Posar e Visconti (2017, p. 343-344) chamam a atenção para as disfunções sensoriais que acometem algumas crianças autistas. Pois bem, tais disfunções “estão provavelmente relacionadas a uma modulação prejudicada que ocorre no sistema nervoso central, que regula as mensagens neurais com relação a estímulos sensoriais”. O caráter disfuncional pode ser tanto de uma responsividade excessiva como reduzida aos estímulos provenientes de quase qualquer canal sensorial. Alguns exemplos desses sintomas são: atração por fontes de luz, reconhecimentos de expressões faciais prejudicados, evitação do olhar, surdez aparente (a criança não atende quando chamada verbalmente), não gostar de contato físico, equilíbrio corporal inadequado, andar nas pontas dos pés, indivíduos desajeitados no nível motor, entre outros.

Ora, estamos aqui diante de um corpo que, por algum motivo, inato ou ambiental – se é que essa distinção assim tão marcada, seja realmente possível – desde muito jovem encontra dificuldades para adequar-se ao meio, para pôr-se em relação, ou ainda, para expressar-se inteiramente de modo *espiritual*, já que o corpo é o meio pelo qual o espírito se faz no curso da existência; ou ainda, nas palavras mesmas de Buytendijk (1952, p. 41), o corpo é “a forma humana que tem um comportamento: exprime, anuncia, intermedeia, isto é, está no mundo”.

A compreensão acerca desta relação entre o corpo e o espírito requer um esclarecimento: é que ela esbarra em certa limitação linguística que conduz, em grande medida, à uma interpretação dualista. A referência, em tantos momentos, adotada por Buytendijk à obra de Merleau-Ponty nos leva a considerar que o autor holandês busca escapar a esse dualismo, mostrando que há uma espécie de tessitura entre corpo e espírito, onde a existência – a experiência vivida e concreta – é a trama, ou o amálgama, que expressa a ambigüidade entre o ôntico e o ontológico.

É verdade que o pensamento buytendijkiano não negligencia o corpo como uma condição acentuadamente orgânica no início da vida. Vejamos as palavras do autor (1947/1988, p.16) ao discorrer sobre *O primeiro sorriso da criança*⁵:

[...] é bem possível que, durante os primeiros meses após o nascimento, o impulso humano na criança ainda dorme em estado latente. No momento em que o primeiro sorriso aparece, a criança ainda pode funcionar em um estado não animalesco, mas que é, no entanto, uma existência fisiologicamente fechada; uma existência sem ainda uma vida interior. Se este for o caso, então não podemos realmente comparar o choro e o sorriso da criança com as nossas expressões adultas.

Tudo se passa, então, como se o corpo infantil fosse habitado por um “impulso” de humanidade, que se encontra inicialmente “em estado latente”, em uma “existência fisiologicamente fechada” sem ainda uma “vida interior”. Talvez, pudéssemos aqui arriscar uma metáfora: o corpo infantil como o gérmen do espírito – uma potência – ou um solo fértil desde onde o espírito pode, enfim, florescer. Este florescimento espiritual humano é anunciado pelo fenômeno do primeiro sorriso.

⁵ Uma instrutiva apresentação deste trabalho buytendijkiano pode ser encontrada em: Silva (2018).



É que o primeiro sorriso projeta mais, muito mais, do que manifestações orgânicas, reflexos, contrações e relaxamentos involuntários, embora esses movimentos se exerçam de fato. Emprestando um olhar mais acurado ao fenômeno, a constatação é o desabrochar espiritual que, ainda que, de maneira tímida, se apresenta como que tramado no organismo biológico. É assim que o psicólogo holandês (1947/1988, p. 18) pode afirmar que “o sorriso [...] não é apenas uma expressão, é também uma resposta para a pessoa ou objeto em direção a quem o nosso coração está afetuosamente aberto”. O sorriso desenha, então, mediante o corpo, uma profunda e íntima relação entre o bebê e o seu interlocutor⁶. Trata-se de uma verdadeira comunicação sem palavras. Essa comunicação, ainda um tanto primitiva, ilustra a essência da “fenomenologia do encontro”; isto é, a descoberta de uma presença que convida ao desabrochar do espírito: a presença afetiva e amorosa de outrem. Daí decorre que o verdadeiro e efetivo encontro é marcado pela reciprocidade.

Em se tratando da experiência de uma criança portadora de TEA, os questionamentos que se desenrolam a partir daí não são poucos. Citemos alguns, apenas: como um indivíduo que apresenta em seu corpo tantas limitações pode manifestar-se no encontro, com reciprocidade? Qual é o papel do “outro” humano no desenvolvimento de um indivíduo com TEA? Ou ainda, há espaço para a *liberdade* na existência autista?

De acordo com Buytendijk (1952, p. 39), uma fenomenologia do encontro requer que se compreenda, em primeiro lugar “a relação entre o homem e o seu corpo”. O autor recorre novamente a uma passagem do texto de Merleau-Ponty (1945, p. 404) para ilustrar essa questão. Imaginemos, então, o comportamento do bebê no momento em que:

Abre a boca se por brincadeira ponho um de seus dedos entre meus dentes e faço menção de mordê-lo. Ora, pois, ele quase não olhou seu rosto em um espelho, seus dentes, tais como ele os sente do interior, são para ele imediatamente aparelhos para morder. Assim, minha mandíbula, tal como ele a vê do exterior, é para ele imediatamente capaz das mesmas intenções. A “mordida” têm para ele imediatamente uma significação intersubjetiva. Ele percebe suas intenções em seu corpo, com o seu corpo percebe o meu, e através disso percebe em seu corpo as minhas intenções.

A conclusão a que podemos chegar após a leitura do texto merleau-pontyano, é a de que a relação entre o homem e o seu corpo é intermediada por uma segunda relação: a relação com um corpo habitado por outrem. É, portanto, a partir do envolvimento de meu corpo com um outro corpo humano que meus gestos ganham significações. O reconhecimento de um “eu” emerge, não do interior ou do exterior de mim mesmo, mas de uma zona intercambiável, de uma configuração significativa que ocorre quando meu corpo se põe em relação com o corpo de outrem. É o que a seguinte passagem do texto buytendijkiano (1947/1988, p. 18) muito bem esclarece:

A essência do encontro consiste na descoberta de um “Tu” que se envolve comigo numa relação, por assim dizer, que entra no limiar da minha vida interior como algo revelador para mim próprio. Qualquer um que saiba o que significa o conceito de “pessoa” vai compreender como um encontro é pessoal e, portanto, um acontecimento existencial.

Buytendijk (1952, p. 23; 24) descreve ainda uma espécie de “jogo originário”⁷ que se estabelece inicialmente no ato da nutrição “quando o recém-nascido encontra no prazer de mamar, o repouso calmante de sua segurança originária no seio de sua mãe”. Essa relação de amor que se desenvolve durante a amamentação denota certa ambiguidade em que a criança, ao mesmo tempo em que se sente unida à mãe, também experimenta o afastamento mediante o qual ela poderá, em momento posterior, esboçar uma “primeira iniciativa, em que ela tem a possibilidade de reestabelecer o contato e de produzir uma dualidade-idade de jogo”. Assim, Buytendijk (1952, p. 24) esclarece que:

Esse encontro, como todo encontro, ao invés de ser a coerência, a unidade, de dois elementos se movendo juntos, é um redobramento, um ser-oposto e um ser-junto, um movimento em que os dois termos estão, ao mesmo tempo, unidos e opostos. Fazemos novamente apelo à imagem dos dançarinos nos movimentos de mesmo sentido ou de sentidos opostos de uma contradança que seria, então, aparentada ao jogo.

Compreendemos, então, que é justamente esse caráter lacunar – essa espécie de dança, unida e separada, que não segue totalmente o *script*, mas que se recria a cada novo passo - da experiência com o outro, que possibilita a emergência de um “eu” e de uma liberdade. Ocorre, contudo, que, para uma criança autista, a função orgânica de seu corpo, que lhe facilitaria uma intuição mais acurada da “dança da vida”, em seus mais

⁶ Tal interlocutor é, na maioria das vezes, a mãe. Podemos, contudo, também nos referir ao pai, uma tia ou avó, ou ainda algum outro cuidador que exerça, para a criança, uma função materna.

⁷ Em um trabalho que tem por título, em sua versão castelhana, *El juego y su significado: el juego en los hombres y en los animales como manifestación de impulsos vitales*, o autor procura mostrar justamente que as raízes das brincadeiras, das artes e de todo tipo de manifestação lúdica experimentadas não apenas pela criança, mas também pelo indivíduo adulto, tem suas raízes nos impulsos vitais e nas primeiras manifestações espirituais, como é o caso, por exemplo, do ato da nutrição e do primeiro sorriso infantil.



primeiros e singelos passos como a fixação do olhar, a imitação dos gestos ou, ainda, o reconhecimento facial de sua mãe, encontra-se prejudicada. Toda dificuldade se dá, então, no sentido de que os recursos sensoriais, biológicos, perceptivos que ancoram uma existência no mundo concreto, encontram-se limitados no autista. Subsiste, no entanto, um mundo de significados a ser explorado e o indivíduo com TEA conserva, na raiz de seu corpo, um “impulso humano” – para retomarmos a expressão de Buytendijk (1947/1988, p. 16). Essa potência originariamente humana, se tiver a sorte e a oportunidade de vivenciar um verdadeiro encontro, estará prestes a florescer.

Enfatizamos agora, que o presente estudo não objetiva uma tentativa de estabelecer relações causais para o TEA, o que também não nos remete a uma proposta ambiciosa de “cura”. Muito menos, intentamos culpabilizar as mães ou quem quer que seja para o aparecimento do transtorno nos filhos⁸. Nosso intuito é simplesmente mostrar, a partir da exposição do pensamento buytendijkiano, que a intersubjetividade – o encontro amoroso e empático com outrem – abre verdadeiras possibilidades de condução do indivíduo portador de TEA à expressão de uma existência autêntica. Compreendemos aqui por existência autêntica, o espaço para a *liberdade* – a possibilidade de manifestação de um projeto existencial – que um espírito encontra, ainda que consideremos as limitações biológicas de seu corpo. Eis o caráter verdadeiramente humano do organismo.

Para a criança que tem seu curso de desenvolvimento condizente com o esperado, cabe a afirmação de Buytendijk (1952, p. 25):

A criança pequena observa, como todos sabemos, o rosto da mãe e das pessoas estranhas, a mímica, mas sobretudo, os olhos. O primeiro encontro é aquele do olhar que encontra o nosso olhar. Mas o que vê e compreende a criança nesse encontro do olhar? De início, a criança não observa uma coisa, os olhos do outro, que se encontram dados no espaço a partir de outras coisas, mas ela vê que o outro a olha e isso sempre de uma certa maneira. Ao mesmo tempo, a criança observa imediatamente outrem, seu olhar, sua expressão.

Tudo se passa, então, como um jogo do olhar, onde cada qual – mãe e filho – oferece a sua parcela na dinâmica do encontro. Ora, tudo leva a crer que, para a percepção da criança autista, as coisas não ocorrem exatamente da mesma maneira: parece haver, nesse caso, uma maior dificuldade em captar a essência humana do olhar materno, já que a sensorialidade peculiar do autista – especialmente o contato visual – limita suas possibilidades de interação.

É exatamente neste ponto que a abordagem fenomenológica nos convida a uma tomada de posição, já que o encontro efetivo não é passível de uma explicação ou de uma abordagem nos moldes puramente empíricos. Há como que uma bruma misteriosa, uma zona enigmática envolvendo o fenômeno intersubjetivo, e se quisermos compreender muitos dos fatos ainda lacunosos à psicologia, é necessário admitir o enigma que a envolve. Essa é a mesma perspectiva adotada pelo psicólogo holandês (1947/1988, p. 23) quando categoricamente se manifesta:

A linguagem e a teoria da psicologia contêm muitas referências acerca dessas compreensões, mas a psicologia não sabe o que fazer com os significados ocultos apreendidos na terminologia de “sentimentos”, “expressões”, “atividades inatas”, “estimulações musculares”, “excitações moderadas” e, assim por diante. Tudo isso só se torna transparente à luz da existência dos seres humanos.

Para Buytendijk (1947/1988, p. 23), o sorriso infantil encarna um movimento inicial onde a criança ainda está “presa no fluxo da inconsciência,” mas que “logo após a supera pela participação ôntica na consciência despertadora de uma segurança sentida”. Isso significa que é o organismo, como um atributo corporal do espírito, a raiz mediante a qual a essência espiritual pode florescer. O que gostaríamos de propor, enfim, no que se refere à abordagem da criança autista, é a descrição de um movimento, em que o espírito é a energia – ou o impulso – que convida o corpo a desabrochar. Expliquemo-nos melhor:

É verdade que uma grande parcela dos fenômenos que se manifestam no encontro não está submetida à consciência reflexiva. Os olhares, os gestos, o tom das vozes, todos esses movimentos ocorrem espontaneamente, como se os interlocutores fossem parceiros de dança, cada qual com a sua contribuição. Quando, todavia, um adulto encontra uma criança autista com o intuito de auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento, ele precisa estar deliberadamente disposto a convocá-la a ouvir a música e a dar os primeiros passos na dança da vida; isso implica, pelo menos no início, em oferecer mais de si do que receber. Isso porque, como já vimos, o organismo de uma criança que não é portadora de TEA possibilita que a interação aconteça com maior facilidade.

Essa posição envolve uma verdadeira capacidade de empatia e amor. E mais: é necessário também, uma grande dose de amor a si próprio, já que este é o momento em que o adulto empresta à criança todo o seu

⁸ No passado, algumas teorias apontaram o autismo como uma reação da criança à uma suposta rejeição materna, o que levou, inclusive, à adoção do termo “mães geladeiras” para se referir às mães das crianças portadoras de autismo. É preciso reconhecer, em defesa das mães, que a tristeza e a frustração muitas vezes geradas pela falta de reciprocidade de seus bebês na relação, resultam de que necessitem, elas também, de um olhar afetivo e empático de outrem. Assim, mais facilmente se fortalecem na tarefa de estabelecer os vínculos necessários com suas crianças.



ser, para que ela possa, enfim, despertar. Ora, agora, é o cuidador quem se identifica com o corpo infantil captando, em seu próprio corpo, a mínima faísca espiritual que se esboça no movimento corporal da criança. Quando o adulto consegue abandonar-se ao verdadeiro encontro, é ele quem acaba por descobrir na criança um “Tu” e empresta-lhe a segurança e o afeto para que, enfim, o espírito venha a lhe despertar o corpo.

Apresentemos, com outras palavras, essa dinâmica: quando um cuidador encontra as condições emocionais e físicas para se entregar afetivamente ao encontro, torna-se capaz de mimetizar em seu próprio corpo, o corpo da criança autista, com todas as suas diferenças sensoriais, perceptivas, etc. Nessa experiência empática, é o adulto quem se coloca ao nível da criança, reconhecendo nela o espírito e, a cada mínimo detalhe, a convidando a desabrochar. O cuidador, a partir de seu corpo, ressignifica o corpo infantil que se anima pelo despertar espiritual. Aqui, compreendemos a essência de todo verdadeiro cuidado. Trata-se, claro, de uma experiência que não é possibilitada pelo nível concreto apenas; mas é dotada, sobretudo, de uma dimensão ontológica, lúdica e misteriosa.

É partindo dessa dinâmica que pretendemos situar, ainda que brevemente, uma espécie de “ontologia genética”, visto que, como mencionamos no início, a epigenética vem mostrando que uma expressão gênica pode ser ativada ou desativada no curso da vida, dependendo do meio e das experiências de cada ser em particular. Podemos, então, arriscar, que o cuidado seja um dos grandes fatores que influenciam nas várias possibilidades fenotípicas da expressão de um genótipo.

Para finalizar essa discussão, gostaríamos de mencionar um outro texto buytendijkiano. Trata-se de *A liberdade vivida e a liberdade moral na consciência infantil*. Neste trabalho, o autor pretende mostrar que a liberdade moral, tal como a vivenciamos na idade adulta, é uma conquista da criança, um processo mediado por outrem. Buytendijk (1951, p. 5) afirma que:

Ao mesmo tempo que a criança constitui o seu próprio mundo, ela dá um sentido à sua corporeidade e lhe presta um poder que o corpo não possui por sua natureza. A escolha que a criança deve necessariamente fazer nas diferentes situações que lhe apresenta o seu meio, deve ser afirmada, corrigida ou revogada em todos os instantes de sua vida.

Em nosso ponto de vista, a criança portadora de TEA é aquela que encontra maior dificuldade em dar sentido à sua corporeidade, devido às diferenças nos modos de ser biológico de seu corpo. Se essa interação inicial do organismo com o meio encontra-se, logo no início prejudicada, não é difícil compreender a possibilidade de que toda a sua existência seja também marcada por essa dinâmica inicial. Aqui, a presença amorosa e engajada de outrem é, mais do que nunca, fundamental.

Considerações Finais

Ao apresentar o TEA sob a perspectiva do pensamento de Buytendijk, pretendemos, à guisa de conclusão, colocar em destaque algumas considerações importantes. Em primeiro lugar, tencionamos mostrar a importância de uma dialética entre a Filosofia e a Neurociência, sobretudo quando se trata de refletir sobre a diversidade humana nos modos de ser e estar no mundo. Áreas diversas como a Fenomenologia, a Psicanálise e a Arte, têm muito a contribuir para a compreensão dos fenômenos existenciais.

Seguindo este mesmo fio condutor, gostaríamos ainda de chamar a atenção para a importância de que a formação dos terapeutas, de modo geral, inclua possibilidades de desenvolvimento no campo afetivo. Podemos aqui citar como exemplos, as oportunidades de imersão no mundo das artes, da literatura, do valioso sentimento de convivência e pertencimento aos grupos, ou mesmo pela autodescoberta propiciada pela psicoterapia. A exposição ao lúdico, à fantasia e ao contato com nossos próprios sentimentos é o que nos liga ao afeto e à nossa verdadeira humanidade; todos esses agenciamentos facilitam e enriquecem, assim, nossa atuação como profissionais nas áreas de humanas.

Fica no ar ainda uma questão: até que ponto um estudo nosológico do comportamento autista não visa a submeter um modo peculiar de ser e estar no mundo a uma normatividade tida como socialmente mais aceitável? Seja como for, optamos por finalizar a nossa exposição assumindo a perspectiva da criança autista; tencionamos encontrar sua voz – um eco – ou quiçá, uma pequenina réstia, no “Tom” poético. E, então, poderemos concluir:

...Pela luz dos olhos teus
Eu acho, meu amor, que só se pode achar
Que a luz dos olhos meus precisa se casar.
(Tom Jobim / Vinícius de Moraes)



Referências

- APA (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Buytendijk, F. J. J. (1931). Le cerveau et l'intelligence. *Journal de Psychologie normale et pathologique*, 28, p. 345-371.
- Buytendijk, F. J. J. (1935). *El juego y su significado: el juego en los hombres y en los animales como manifestación de impulsos vitales*. Madrid: Revista de Occidente.
- Buytendijk, F. J. J. (1951). La liberté vécue et la liberté morale dans la conscience enfantine. *Revue Philosophique de la France et de L'Étranger*. T. CXLI (n. 1-3), 1-19.
- Buytendijk, F. J. J. (1952). *Phénoménologie de la rencontre*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Buytendijk, F. J. J. (1988). The first smile of the child. *Phenomenology + Pedagogy*. 6 (1), 15-24. DOI: <https://doi.org/10.29173/pandp15065> (Original em 1947).
- Buytendijk, F. J. J. (2017). A gênese psicológica do espírito materno. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23 (1), 111-120. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100012&lng=pt&tlng=pt. (Original em 1960).
- Costa, D. S.; Malloy-Diniz, L. F. & Miranda, D. M (2018). Genética e desenvolvimento humano. In: Débora M. Miranda & Leandro F. Malloy-Diniz (Orgs). *O pré-escolar*. São Paulo: Hogrefe.
- De Beauvoir, S. (1949). *Le deuxième sexe: les faits et les mythes*. Paris: Gallimard.
- Eshraghi, A. A., Liu, G., Kay, S. S., Eshraghi, R. S., Mittal, J., Moshiree, B., & Mittal, R. (2018). Epigenetics and Autism Spectrum Disorder: Is There a Correlation?. *Frontiers in cellular neuroscience*, 12, 78. <https://doi.org/10.3389/fncel.2018.00078>
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Posar, A. & Visconti, P. (2018). Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder. *Jornal de Pediatria*, 94(4), 342-350. <https://doi.org/10.1016/j.jped.2017.08.008>
- Rogers, S. J. & Dawson, G. (2014). *Intervenção precoce em crianças com autismo: modelo Denver para a promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização*. Lisboa: Lidel.
- Sartre, J-P. (1943). *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard.
- Silva, C. A. F. (2014). A dança da vida: Buytendijk e a fenomenologia do encontro. *Estudos Filosóficos* (São João del-Rei), 13, p. 73-86. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art6%20rev13.pdf>
- Silva, C. A. F. (2018). Buytendijk e o fenômeno do primeiro sorriso na criança. *Revista do NUFEN*, 10(3), 105-123. <https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo40>

Recebido em 28.08.2020 – Aceito em 18.12.2020